



## Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos



### Espiritualidade Inaciana

Sr. Jolanta Kafka, RMI, Superior Geral e Presidente da UISG

Rev. Pe. Arturo Sosa, SJ, Superior Geral e Presidente USF

#### Introdução

Teceremos em conjunto esta apresentação porque acreditamos que um dos sinais do caminho sinodal da vida religiosa é reforçar as experiências comuns.

Um dos contributos fortes para uma espiritualidade sinodal é o discernimento dos espíritos. Certamente tem diversas escolas na história da espiritualidade, mas analisemos o contributo que S. Inácio de Loiola dá com a sua vida. Seja a nível **pessoal, comunitário**, que a nível **eclesial**.

Ainda que seja conhecido como um método, para que possa integrar-se na espiritualidade deveria tornar-se um modo de viver, uma atitude. E congratulamo-nos que toda a Igreja, todos os discípulos de Jesus aprendessem nesta escola de discernimento o seu caminho de fé.

Apresentamos a nossa reflexão em duas partes. Na primeira parte concentrar-nos-emos sobre os elementos chave do discernimento dos espíritos em comum. Na segunda parte analisaremos a sua relação com a sinodalidade.

#### Primeira parte: Os elementos chave do discernimento dos espíritos em comum.

O primeiro elemento chave: **Deus comunica-se**

**Deus comunica-se** e entra em diálogo com os seres humanos e opera na história humana [EE 15.16]. Mas opera num modo muito preciso, a partir do mistério da Encarnação. Deus incarna no “profano”; entra na história e ao mesmo tempo esconde-se. Encontraremos Deus na realidade humana, no sentido mais amplo possível e não fora dessa. E o que é dito por Jesus quando diz: Estarei convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20); ou “onde dois ou três se reúnem em meu nome, eu estou n meio deles” (Mt 18, 20); e depois Paulo afirma: “nada existe fora d’Ele e tudo foi feito através d’Ele” (2 Cor 5, 19; Col 1, 20). Ninguém viu Deus, mas Deus manifestou-se; incarnou, fez-se homem. Esta “manifestação” é uma descida de Deus em direcção à humanidade. Deus comunica-se, e o modo como se comunica é Jesus (Jn 1, 14-18). Ele é a referência central no discernimento dos espíritos.

O segundo elemento chave: **Uma vida espiritual integral**

Deus comunica-se, mas para acolhê-lo é necessário um ambiente. Por isso falamos do segundo elemento chave do discernimento que é **uma vida espiritual**. Não se pode passar por um discernimento dos espíritos sem um contexto e um clima de espiritualidade integral. Quando, ao invés, falamos de discernimento comunitário, isso comporta a existência de uma comunidade em caminho espiritual. É a dimensão que S. Inácio chama “sentir com a Igreja” [EE 352-370] que se realiza seja numa comunidade concreta, seja num âmbito da comunhão dos crentes. O cristianismo não existe senão através de uma comunidade, numa comunidade que se nutre da Palavra, sobretudo do Evangelho. Isto implica uma dimensão formativa. S. Inácio conduz-nos constantemente

ao conhecimento e interiorização da Palavra de Deus. E este conhecimento vem através da leitura assídua do Evangelho que, gradualmente, se torna numa leitura orante, contemplativa, incarnada, não só exegética [EE 2]. Além disso, nutre-se da Eucaristia, uma Eucaristia feita vida, que conduz à familiaridade constante com Jesus através da união com Ele na fé e através a assimilação dos seus sentimentos, das suas escolhas, do seu modo de viver na obediência ao Pai, na procura da sua vontade e do anúncio do Evangelho (Lc 24, 13-35). Esta comunidade é sempre inserida na comunidade grande da Igreja estendida até aos confins do mundo, abraçando toda a humanidade e toda a história. A comunhão eclesial, com a sua diversidade e com as suas diversas expressões abraça também aqueles que não são crentes porque em todos reside a semente da verdade.

### O terceiro elemento: **O sujeito**

O terceiro elemento chave é o **sujeito** que discerne os espíritos. É a pessoa, quando se trata de uma eleição pessoal; o sujeito fala de uma pessoa que é determinada, no seu procurar e querer que se orienta para Deus. Uma pessoa que tem um conhecimento de si própria, consciente dos movimentos interiores, que chamamos diversos “espíritos”, normalmente expressão dos desejos, afetos e aspirações. S. Inácio convida constantemente a aprender a ler os movimentos interiores.

A espiritualidade inaciana é uma espiritualidade das moções interiores, portanto, não é uma espiritualidade das razões, mas dos afetos. Esta conduz a uma “liberdade interior”, com um processo de libertação, com um único objectivo, aquele de poder ser verdadeiramente disponíveis e indiferentes ao quere de Deus [EE.23]; verdadeiramente desejar e eleger só a vontade de Deus e a colocar os meios, tanto quanto ajudem a colocá-la em ato.

Quando se trata da comunidade que discerne é preciso também conformar consciente e intencionalmente o **sujeito**. A comunidade que discerne em comum deve criar condições de escuta, de reciprocidade, de respeito pela diversidade; criar um espaço de referimento que deve ser protegido das intervenções externas. Uma comunidade a caminho da liberdade para procurar e encontrar a vontade de Deus [EE. 1], capaz de ler os sinais dos tempos através dos quais se comunica o Senhor, discernir os movimentos dos espíritos para escutar, precisa de entender no seu interior e eleger o caminho indicado por Deus (como experiência do Êxodo). Não basta sentir, escutar, precisa de entender quais os movimentos do espírito que emergem na comunidade. Saber como ler estes movimentos é talvez a maior dificuldade para uma comunidade no discernimento, como o é para uma pessoa. O único caminho, no entanto, é meter em prática estes processos.

### **O discernimento dos espíritos...**

- Pode ser um processo de análise do qual se extraem as partes, verificam-se os pareceres e depois se actua. Procurar a vontade de Deus não se baseia em acordos, mas sobre a experiência do deixar-se conduzir pelo Espírito. Se o Espírito age – e age sempre – ocorre só dispor-se a acolhê-lo; e recordar que se sempre se manifesta na comunhão.

- Não é um “método de procedimento pragmático” para tomar decisões racionais. É um instrumento de exercícios espirituais para ler os sinais dos tempos e os sinais no interior da comunidade eclesial. [cf EE. 175-188]

É importante preparar o terreno para os tais exercícios, e de facto, a Igreja está a iniciar um processo sinodal em que diz claramente que não se pode falar de um discernimento sem uma renovação constante da vida, aquilo que S. Inácio chama uma “reforma permanente da vida” [cf. EE. 189.343]. Quem se une e entra no processo deve também sentir-se interpelado a esta mudança pessoal para poder aderir ao caminho da comunidade. É a conversão.

A comunidade, por sua vez, deve deixar-se interpelar e perceber o que deve mudar para poder tornar-se disponível para acolher a ação de Deus no seu seio. Um caminho de conversão comunitária é o húmus necessário para identificar o que vem de Deus e o que não vem de Deus.

O objetivo deste processo é fazer uma leitura, uma “Lectio Divina” da realidade, do vivido, à luz da Palavra, para expressar no presente a vida de Jesus, num modo renovado, no meio da vida da Igreja, no meio da vida do mundo. Ecoa aqui, em nós, a definição da formação contínua que tantas vezes ouvimos escutar do Padre Amadeo Cencini, canossiano. Dizia que consiste em assimilar, meter em prática os sentimentos de Jesus e, portanto, de todos os discípulos de Jesus. É verdade que só na comunhão é possível discernir os espíritos, e só com o sentir comum em Cristo.

A palavra comunhão apareceu várias vezes esta manhã, e claro que é fundamental. Comunhão, “o sentir comum” mas, não significa homologação. Ajuda-nos a expressão que o Papa usa muitas vezes, impregnada na identidade inaciana e a influência de Guardini. Diz-nos como o sentir comum não vai contra a diversidade, ou, até mesmo, as contradições: o sentir comum é orientar o coração em direção ao bem comum, que é o bem de Deus. “O todo é mais que a parte”, o tempo é maior que o espaço porque há sempre um horizonte em evolução. (cf. EG 235-236)

O discernimento não chega sempre a um ponto preciso e depois acaba tudo, mas evolui porque até no pôr em prática os frutos do discernimento, Deus continua a falar e agir. É um processo. O discernimento não termina ao encontrar a vontade de Deus. São Tomás propõe um passo interior e relacionado com a eleição. Seguir a vontade de Deus surge de um prévio “sintonizar-se” com a inspiração do Espírito Santo e da consciência de um ato de liberdade ao ponto de dizer “*também eu quero. Faça-se em mim segundo a tua vontade.* (Lc 1, 38)

Não é fácil lá chegar, mas há sinais e frutos que este processo deixa nas pessoas, nas comunidades e que nos são familiares: os frutos da humildade, gratuidade, maior liberdade interior, mais compaixão pelos pobres. O fruto deste caminho é o “Magis” inaciano, como um dinamismo que se instaura na pessoa e na comunidade de aspirar a uma fidelidade maior e integral no seguimento de Jesus, o Evangelho.

## **Segunda Parte: A espiritualidade sinodal**

A espiritualidade sinodal inclui o discernimento dos espíritos em comum. Que torna a comunidade eclesial “Povo de Deus” é mesmo seguir Deus. É Deus que faz o caminho com o Povo, Deus indica o caminho e acompanha ... só quando existe esta sintonia com a sua Presença e a Palavra se pode falar de Povo de Deus.

Este Povo de Deus é um povo de batizados e em virtude deste sacramento somos radicalmente iguais na vocação do discipulado e do cuidado da comunidade, como profetas, reis e sacerdotes. Todos somos discípulos de Jesus Cristo e todos somos chamados a ser aquele que dão testemunho da fé para que outros se tornem discípulos. Todos somos chamados a “aprender” como discípulos e dar testemunho do nosso discipulado aos outros, Juntos crescemos e todos somos chamados a tomar conta uns dos outros (Gv 10, 1-18) pela nossa participação no Mistério de Deus.

### **Conhecer como Deus age na história**

Para crescer na comunhão do Povo de Deus temos necessidade de conhecer como Deus age normalmente na história. A Palavra de Deus revela-nos um Deus que guia humildemente, processualmente, chamando, interpelando, fazendo caminho connosco. Discernimento é uma resposta no procurar e encontrar o modo de agir de Deus em cada tempo.

O caminho sinodal quer renovar a vivência radical desta comunhão de Deus com o seu Povo na chave da Aliança, como pertença: “*Tudo o que o Senhor disse, nós daremos*” (Ex 19, 8) e da família de Jesus, como relação: *os meus irmãos são aqueles que procuram a vontade de Deus e a cumprem* (Mt 12, 46-50).

Os discernimento nutre as duas dimensões da comunhão eclesial.

### **Sinodalidade e democracia**

A sinodalidade não é democracia no sentido dos sistemas políticos liberais do ocidente. É muito importante entender bem como se tomam as decisões sinodais. É uma questão de esclarecer desde o início os processos deliberativos. A escuta quer ser universal, mas o estilo das democracias liberais (a maioria tem a última palavra) não serve para o discernimento dos espíritos nem para construir o Povo de Deus. Não pode reduzir-se a um jogo de poder, de minorias e maiorias. (cf. A história de Susana e o papel de Daniel em Dan. 13).

Ao invés, seria muito importante recordar que quando falamos do caminho sinodal neste contexto de discernimento dos espíritos em comum, é necessário definir os limites dentro os quais, de modo a proteger dos grupos de pressão, se realiza o discernimento. A atitude de abertura à fé e liberdade de que falámos no início é basilar para assegurar o discernimento. Se assim for, o discernimento informa e nutre a comunidade dos crentes; e a comunidade dos crentes, na sua participação consciente, torna o discernimento possível e frutífero. Este processo torna-se um dom que transforma cada crente na sua experiência de fidelidade a Deus.

Assim como a partir da espiritualidade inaciana podemos contribuir para este caminho sinodal da Igreja, sentimos que todos os carismas e dons espirituais que Deus suscitou ao longo dos séculos, chegam à sua maturidade, à sua plenitude, colocando-se ao serviço uns dos outros, com a sua beleza e particularidade. Cada carisma dá o seu contributo, sem confrontos entre ideologia ou estruturas.

Concluimos esta conversa com a passagem de Lucas 22, onde nos é dito “*convosco, não deve ser assim*” (Lc 22, 26), não como os outros que dominam. O Povo de Deus que discerne, educa e pede um estilo de governo na base do serviço e não do domínio dos poderosos sobre os outros. “*Convosco, não deve ser assim*” (Lc 22, 25-27).